

**PENSAMENTO E LINGUAGEM: QUESTÕES PRELIMINARES DA ANÁLISE
CRÍTICA DE VIGOTSKI DAS TEORIAS DE PIAGET E STERN**

Eixo: Por uma leitura marxista da Psicologia Histórico-Cultural

Maurilene do Carmo¹
Susana Jimenez²
Helena Freres³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo tecer considerações acerca do estudo crítico realizado por Vigotski sobre as categorias pensamento e a linguagem presentes na obra de Jean Piaget e Wilhelm Stern. Nele destacamos a concepção puramente gnosiológica que orienta o constructo piagetiano, asseverando que na análise da relação pensamento e linguagem do epistemólogo de Genebra a base natural não é rompida e sim continuada ininterruptamente, através de etapas sucessivas que buscam um equilíbrio orgânico, mediado pelo conhecimento. Stern, por sua vez erige uma concepção de pensamento e linguagem de cunho puramente intelectualista marcando o distanciamento da sua concepção do chão onto-histórico. Assinalando que, para Vigotski somente uma compreensão onto-histórica do pensamento e linguagem é capaz de nos levar a uma compreensão correta dessa questão grandiosa e sumamente complexa que influi decisivamente no desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Vigotski; Pensamento e Linguagem; Piaget e Stern

RESUMEN

El presente artículo tiene como retoelaborar consideracionessobre la investigación crítica realizado por Vigotskiacerca de las categorías pensamiento y lenguaje presentes en la obra de Jean Piaget y Wilhelm Stern. En esa investigación destacamos la concepción puramente gnosiológica que guía el constructo piagetiano, afirmando que en el examen de la relaciónentre pensamiento y lenguaje del epistemólogo de Genebrala base natural no es rota, pero continuada sin interrupción, a través de etapas sucesivas que buscan un equilibrio orgânico, mediado por el conocimiento. Stern, por su vez, elabora una concepción de pensamiento y lenguaje de carácter puramente intelectualista, marcando el distanciamiento da

¹ Professora UFPB/Pesquisadora IMO/UECE.

² Professora UFC/Diretora IMO/UECE.

³ Professora UECE/Pesquisadora IMO/UECE.

su concepción del entendimiento onto-histórico. Señalamos que, para Vigotski, solamente una comprensión onto-histórica de pensamiento y lenguaje es capaz de nos llevar a unentendimiento correcto de esa cuestión grandiosa y compleja que influye decisivamente en el desarrollo humano.

Palabras llaves: Vigotski; Pensamiento y Lenguaje; Piaget y Stern

O presente artigo tem por objetivo apresentar as reflexões de Vigotski acerca do seu estudo crítico das teorias sobre o pensamento e a linguagem de Jean Piaget e Wilhelm Stern.

Porém antes da apresentação da teoria de Piaget, é importante destacar o horizonte da sua concepção puramente gnosiológica, que subjuga o conhecimento à mercê de um processo estritamente biológico, no qual, “a base natural não é rompida e sim continuada ininterruptamente, através de etapas sucessivas que buscam um equilíbrio orgânico, mediado pelo conhecimento” (CARMO, 2004, p. 56), ou seja, Piaget, não considera a relação ontológica entre ser natural e social, e muito menos o trabalho em sua condição de momento fundante do salto ontológico para a instituição do mundo dos homens, o que significa, que, para este, a própria objetivação do real, ocorreria não pelos atos do trabalho e, sim, pela via do conhecimento, instituindo, dessa forma o *ser que conhece*, sobreposto ao ser social - ontologicamente instaurado através do trabalho.

Dito isto, passemos à revisão realizada por Vigotski dos estudos de Piaget acerca da relação entre a linguagem e o pensamento da criança.

A princípio, Vigotski aponta o fato de Piaget ter elaborado e introduzido na ciência o método clínico do estudo da linguagem e do pensamento, operando, por sua vez, um corte inteiramente novo quanto às peculiaridades da lógica do pensamento infantil.

Essa nova abordagem do pensamento infantil [...] levou Piaget a uma atitude que se poderia chamar de oposta à tendência antes dominante: a uma caracterização positiva do pensamento infantil. Enquanto a psicologia tradicional costumava caracterizar negativamente o pensamento infantil enumerando suas lacunas e deficiências, Piaget procurou revelar a originalidade qualitativa desse pensamento, mostrando o seu aspecto positivo (VIGOTSKI, 2001, p. 21).

Nesse contexto, de oposição à tendência antes dominante, Vigotski (2001, p. 21- grifos nossos) destaca que:

[...] o que Piaget fez de novo e grandioso é muito comum e simples [...] e pode ser caracterizado com o auxílio de uma tese antiga e banal, que o próprio Piaget cita no seu livro com palavras de Rosseau: a criança nada tem de pequeno adulto e sua inteligência não é, de maneira nenhuma, a pequena inteligência do adulto. Por trás dessa verdade simples que, aplicada ao pensamento infantil, Piaget desvelou e fundamentou com fatos, esconde-se uma ideia essencialmente simples: **a ideia do desenvolvimento.**

Porém a crise vivida pela ciência psicológica, que, nas palavras de Vigotski, decorreria “da acentuada contradição em que se encontram o material factual da ciência e seus fundamentos metodológicos” (2001, p. 22), não deixaria imune a nova corrente de estudo dos problemas da lógica infantil inaugurada por Piaget.

Mesmo assim, Piaget procura escapar à crise tentando evitar a ambigüidade que lhe é inerente e que se caracteriza, de acordo com Vigotski, pela “acentuada contradição em que se encontram o material factual da ciência e seus fundamentos metodológicos” (2001, p. 23). Nessa tentativa, Piaget procede “fechando-se em um círculo restrito de fatos. Não quer saber de nada além de fatos [...] Acha mais seguro o terreno empírico puro” (2001, p. 23). No entanto, a condição de apoiar-se nos fatos não o faz superar a crise vivida pela ciência psicológica. Nesse sentido, depõe Vigotski:

[...] como todos os demais pesquisadores, Piaget não conseguiu evitar a ambigüidade fatal a que a crise atual da psicologia condena até os melhores representantes dessa ciência. Ele esperava proteger-se dessa crise na muralha alta e segura dos fatos. Mas os fatos o traíram (VIGOTSKI, 2001, p. 24).

Isso porque Piaget não poderia confinar-se exclusivamente no estudo puro dos fatos, pois como assevera Vigotski “quem examina os fatos o faz inevitavelmente à luz dessa ou daquela teoria” (2001, p. 24), acrescentando, ainda, que,

[...] Piaget não conseguiu e, no fundo, não poderia conseguir evitar construções filosóficas, uma vez que a própria ausência de filosofia é uma filosofia perfeitamente definida. A tentativa de permanecer inteiramente nos limites do empirismo puro caracteriza toda a investigação de Piaget. O temor de relacionar-se a algum sistema filosófico preconcebido já é, em si, o sintoma de determinada concepção filosófica do mundo [...] (VIGOTSKI, 2001, p. 75).

Passemos agora à apresentação das peculiaridades do pensamento infantil estabelecidas pela investigação de Piaget, assim como, à apreciação de Vigotski acerca dos estudos do pensador suíço.

Para Piaget a *pedra angular*, o *elo central* e o *nervo basilar* das peculiaridades do pensamento infantil, para utilizar expressões do próprio autor, seria o *egocentrismo do pensamento infantil* e, conforme anota Vigotski, “todas as outras peculiaridades do pensamento infantil decorrem dessa peculiaridade básica” (VIGOTSKI, 2001, p. 27).

Então, como Piaget define o egocentrismo do pensamento infantil? Na interpretação de Vigotski (2001, p. 28), “Piaget define o pensamento egocêntrico como forma transitória de pensamento que, do ponto de vista genético, funcional e estrutural, está situado entre o pensamento autístico e o pensamento inteligente dirigido”. E, por sua vez, o que seriam, para Piaget, o pensamento autístico e o pensamento inteligente dirigido? Vejamos essas definições, as quais, de acordo com Vigotski, Piaget toma de empréstimo da Psicanálise.

O pensamento dirigido é consciente, isto é, persegue objetivos presentes no espírito daquele que pensa; é inteligente, isto é, adaptado à realidade e procura agir sobre ela; é suscetível de verdade e erro (verdade empírica ou verdade lógica) e é comunicável pela linguagem. O pensamento autístico é subconsciente, isto é, os objetivos que visa ou os problemas que enfrenta não estão presentes na consciência (PIAGET, 1989, p. 32).

Vigotski apresenta o pensamento egocêntrico, tal qual fora formulado por Piaget. Primeiro revelando que a sua função estaria apoiada na satisfação das próprias necessidades, ou, ainda, para a satisfação de um desejo. Segundo, o seu caráter sincrético, que é considerado por Piaget como resultado direto do egocentrismo infantil. E, terceiro, “as relações genéticas do pensamento egocêntrico com a lógica do sonho, com o autismo puro, por um lado, e com a lógica do pensamento racional, por outro” (VIGOTSKI, 2001, p.31).

Acerca dos meandros que envolvem o pensamento egocêntrico na perspectiva de Piaget, Vigotski destaca categoricamente que, para este,

[...] a forma primária de pensamento, determinada pela própria natureza psicológica da criança, é a forma autística; já o pensamento realista é um produto tardio, uma espécie de produto imposto de fora à criança pela coação longa e sistemática que o meio social circundante exerce sobre ela (VIGOTSKI, 2001, p. 32).

Piaget apresenta, conforme relata Vigotski, graus de abrangência do pensamento egocêntrico de acordo com diferentes faixas etárias.

[...] o campo de influencia do egocentrismo, que, segundo Piaget, vai até os oito anos, coincide diretamente com todo o campo do pensamento infantil e da percepção. A originalidade da transformação, efetuada pelo desenvolvimento do pensamento infantil depois dos oito anos, consiste justamente em que esse caráter egocêntrico do pensamento se mantém apenas em certa parte do pensamento infantil, unicamente no campo do raciocínio abstrato. Entre os oito e os doze anos, a influência do egocentrismo se limita a um campo do pensamento, a um segmento. Até os oito anos ela é ilimitada e ocupa todo o território do pensamento infantil (VIGOTSKI, 2001, p. 35).

Mas não é somente isso, além dessa etapização, Vigotski denuncia quanto ao volume e à abrangência do pensamento egocêntrico tal qual fora formulado por Piaget, asseverando que este “tende a dar importância universal, a absolutizar esse fenômeno, por considerá-lo não só fundamental, primário e radical para todo o pensamento e comportamento da criança, mas também um fenômeno universal” (VIGOTSKI, 2001, p. 34).

Outra crítica de Vigotski a Piaget relaciona-se à discordância sobre a origem e natureza do pensamento autístico, posto que Vigotski entende ser “inconsistente a hipótese de que a forma autística de pensamento é primária, inicial na história do desenvolvimento psicológico” (2001, p. 67), ponderando, ademais, que:

[...] do ponto de vista do desenvolvimento filogenético e ontogenético, o pensamento autístico não é de maneira nenhuma o primeiro degrau do desenvolvimento intelectual da criança e da humanidade. Não é, absolutamente, uma função primitiva, um ponto de partida de todo processo de desenvolvimento, uma forma inicial e fundante de onde parte todo o restante (VIGOTSKI, 2001, p. 37).

Vigotski argumenta que o constructo piagetiano há que ser rebatido não apenas no campo teórico, mas também no campo experimental. Com efeito, com base no seu método clínico, Piaget desenvolve duas teses acerca da linguagem egocêntrica. Conforme Vigotski, a primeira, que se refere à função da mesma,

[...] não desempenha nenhuma função objetivamente útil no comportamento da criança. É uma linguagem para si, para a própria satisfação, que poderia nem existir que nada de essencial mudaria na atividade infantil (VIGOTSKI, 2001, p. 51).

A outra tese de Piaget, que diz respeito ao destino da linguagem egocêntrica, é considerada por Vigotski nos termos abaixo:

Se a linguagem egocêntrica é uma expressão do pensamento infantil em forma de devaneio, não serve para nada, não cumpre nenhuma função no comportamento da criança, é produto secundário da atividade infantil, acompanha a atividade da criança e as suas vivências como um acompanhamento musical, então é natural reconhecer nela um sintoma de fraqueza, de imaturidade do pensamento infantil, sendo de se esperar naturalmente que esse sintoma venha a **desaparecer** no processo do desenvolvimento da criança (VIGOTSKI, 2001, p. 51- grifo nosso).

Contrário a perspectiva de Piaget, Vigotski define a linguagem egocêntrica como “a forma transitória da linguagem exterior para a linguagem interior” (2001, p. 65) chegando através de seus estudos a “conclusão de que a linguagem egocêntrica da criança começa muito cedo a desempenhar em sua atividade um papel sumamente original” (2001, p. 53).

Desse modo, procura desvelar em suas pesquisas o que suscitaria a linguagem egocêntrica na criança e chega à conclusão que “as complicações ou perturbações de uma atividade que transcorre de forma fluida são um dos fatores principais que suscitam a linguagem egocêntrica” e apresenta ainda como conclusões de suas experiências o “entrelaçamento mútuo da linguagem egocêntrica da criança e da sua atividade” (2001, p. 55), que culmina com a seguinte hipótese, em tudo diametralmente oposta à perspectiva de Piaget: “na linguagem egocêntrica tendemos a ver um estágio transitório no desenvolvimento da linguagem, da exterior para a interior” (2001, p. 57).

No que diz respeito à função comunicativa da linguagem podemos constatar mais um elemento de discordância entre Piaget e Vigotski, que repousa, sobretudo, no ponto de partida no processo de desenvolvimento e pensamento, posto que, para Piaget o social se situa no final do desenvolvimento, enquanto para Vigotski (2001, p. 67),

O movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento infantil não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual. É esse o resultado fundamental do estudo tanto teórico quanto experimental [...].

Cabe esclarecer que, para Vigotski, inicialmente “a função primária da linguagem é comunicar, relacionar socialmente os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado

da criança” (2001, p. 63), por isso, conclui que “a linguagem primordial da criança é puramente social” e que:

[...] só mais tarde, no processo de crescimento, a linguagem social da criança, que é plurifuncional, desenvolve-se segundo o princípio da diferenciação de determinadas funções e, em certa faixa etária, divide-se de modo bastante acentuado em linguagem egocêntrica e linguagem comunicativa [...].

Para, então, explicitar: “segundo a nossa hipótese, as duas formas de linguagem são funções igualmente sociais porém diferentemente dirigidas (VIGOTSKI, 2001, p. 63).

Ademais, Vigotski observa em suas experiências que a linguagem é um complexo situado historicamente, como podemos constatar nos trechos abaixo:

Verificamos que a **linguagem egocêntrica da criança não é uma linguagem que paira no ar dissociada da realidade, da atividade prática**, da adaptação real dessa criança [...] (VIGOTSKI, 2001, p. 71 – grifos nossos).

A atividade e a prática – eis os novos momentos que permitem desvelar as funções da linguagem egocêntrica de uma nova perspectiva, em toda sua plenitude, e esboçar um aspecto inteiramente diverso no desenvolvimento do pensamento infantil que, como a face oposta da lua, costuma permanecer fora do campo de visão dos observadores (VIGOTSKI, 2001, p. 71-72 – grifos nossos).

Nesta passagem, como em outros momentos do texto, fica evidente a necessidade de explorarmos em sua riqueza de detalhes as investigações de Vigotski acerca da relação entre pensamento e linguagem, uma vez que, em contato com sua obra, pouco e pouco somos levadas a entender, de maneira cada vez mais cabal, que todo o seu universo categorial tal qual ilustra a obra em evidência, resulta de uma compreensão fundada de forma mais ou menos explícita, no pressuposto relativo à centralidade ontológica do trabalho no processo de instituição do ser social. No trecho transcrito acima, por exemplo, se constitui como central na compreensão da linguagem as categorias atividade e prática, complexos ontologicamente edificados em vinculação com o trabalho.

No entanto, toda a problemática não se circunscreve apenas no conjunto dessas categorias, como delas advêm outras, que, pela prerrogativa do trabalho, estão ontologicamente situadas, para lembrarmos Lukács.

Até agora observamos o nascimento de novos complexos de categorias, novas e com novas funções (a causalidade posta), especialmente quanto ao processo objetivo do trabalho. Não podemos deixar, porém, de perguntar que mudanças ontológicas provoca este salto do homem da esfera do ser biológico ao social no comportamento do sujeito (LUKÁCS, s/d, p. 56).

Nessa mesma perspectiva, arriscamos afirmar, Vigotski caminha com a sua teoria, indicando a existência de um salto qualitativo operado pelo pensamento quanto à atividade se interpõe nesse processo.

Mas nós observamos que, em situação real, onde a linguagem egocêntrica da criança está relacionada a sua **atividade prática**, onde ligada ao pensamento da criança, os objetos efetivamente elaboram a mente infantil [...] Esse novo momento, esse problema da realidade e da **prática** e o seu papel no desenvolvimento do pensamento infantil mudam substancialmente todo o quadro (VIGOTSKI, 2001, p. 72, grifos nossos).

Aparece como incontestável no quadro que se apresenta, o entendimento das transformações que a atividade opera nos planos da objetividade e subjetividade nas elaborações teóricas de Vigotski e Lukács, considerando conforme o último que “a essência ontológica do dever-ser no trabalho atua sobre o sujeito que determina o comportamento laborativo, mas não acontece apenas isto; ela determina também o seu comportamento em relação a si mesmo enquanto sujeito do processo de trabalho” (LUKÁCS, s/d, p. 61).

Piaget, ao contrário, não considera esse movimento e percebe o “pensamento como uma atividade totalmente dissociada da realidade”, concepção que é expressa pelo fato de Piaget conceber o biológico e o social “como duas forças externas que agem mecanicamente uma sobre a outra” (2001, p. 81). Dessa concepção, depreendemos, nas palavras de Vigotski, “o que constitui o ponto central de toda a teoria de Piaget”, que pode ser expresso através da:

[...] tentativa de deduzir o pensamento lógico da criança e seu desenvolvimento da comunicação pura entre consciência, em pleno divórcio com a realidade, sem nenhuma consideração da prática social da criança [...] (VIGOTSKI, 2001, p. 89).

Semelhante compreensão resulta do fato de Piaget desconsiderar no processo de construção do conhecimento a importância do contexto sócio-histórico na determinação das individualidades, subjugando esta simplesmente a regulações de caráter estritamente natural.

Expressa as concepções de Piaget sobre a linguagem e o pensamento da criança, assim como os limites da sua teoria, Vigotski, põe em revista a concepção de Stern sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, demarcando ainda de forma mais contundente, o distanciamento deste autor com relação a sua própria concepção marcadamente situada no chão onto-histórico.

A princípio, Vigotski define a concepção de Stern acerca do desenvolvimento da linguagem infantil como “puramente intelectualista”, acrescentando ademais, que o próprio Stern qualifica o seu ponto de vista diretor como “genético-personalista”, ressaltando que a revelia da caracterização deste, Vigotski vai afirmar que a teoria de Stern “a título de antecipação é antígenética pela própria essência, como qualquer teoria intelectualista” (2001, p. 97).

O intelectualismo presente não apenas na obra de Stern, mas também, na de Piaget, caracteriza-se como uma posição gnosiológica, condição severamente criticada, como podemos constatar, em seus devidos termos, tanto por Vigotski como por Lukács, que, em várias passagens do seu capítulo sobre o trabalho, combate severamente a referida perspectiva, conforme podemos conferir no trecho reproduzido abaixo;

A incapacidade do pensamento idealista de compreender as relações ontológicas mais simples e evidentes tem como base, em última análise, no plano do método, no fato de que ele se limita a analisar em termos gnoseológicos ou lógico as formas mais evoluídas, mais espiritualizadas, mais sutis nas quais as categorias se apresentam, ao passo que, não são apenas mantidos à parte, mas inteiramente ignorados os complexos de problemas que, na sua gênese, indicam o caminho ontológico [...] (LUKÁCS, s/d, p. 58).

Prosseguindo na análise da teoria de Stern, Vigotski afirma que o mesmo define sua teoria como genética, estando representada através das três raízes da linguagem distinguidas da seguinte forma:

[...] a tendência expressiva, a tendência social para generalização e a “*intencional*”. As duas primeiras raízes não constituem traço distintivo da linguagem humana, são inerentes a embriões de linguagem entre os animais. Mas o terceiro momento está ausente em forma absoluta na linguagem dos animais e é um traço específico da linguagem humana (VIGOTSKI, 2001, p. 97).

No que se refere à raiz intencional da linguagem, Stern entendia que “o surgimento da intenção significa intelectualização e objetivação da linguagem” (2001, p. 98). Disso decorreria o entendimento de Stern de que “as raízes e as vias de surgimento da inteligibilidade da linguagem humana [...] têm origem na tendência intencional, vale dizer, na tendência para a inteligibilidade” (VIGOTSKI, 2001, p.99).

Porém, ao tentar explicar a raiz genética da tendência intencional da linguagem, Stern comete, de acordo com a precisa leitura de Vigotski, o seu “erro principal”, qual seja, o erro de qualquer teoria intelectualista, porque, “*ao explicar, ela tenta partir daquilo que, no essencial, deve ser explicado*” (2001, p. 98). Trocando em miúdos, Stern entendia que a tendência intencional da linguagem decorreria de uma força motriz de natureza primordial, que poderia “ser colocada na mesma série que as tendências expressivas e comunicativas que estão efetivamente no início do desenvolvimento da linguagem” (2001, p. 98).

À compreensão de Stern carecia ainda de um outro limite, quer seja, a logicização da linguagem infantil, expressa, por exemplo, no fato de que, para este, uma criança entre “um ano e meio e dois compreende a relação entre signo e significado, tem consciência da função simbólica da linguagem” (2001, p. 100). Vigotski opõe-se a essa perspectiva, afirmando que:

Tudo o que sabemos sobre o perfil intelectual de uma criança entre um ano e meio e dois anos tem pouquíssimo a ver com a admissão de que nela se desenvolve uma operação intelectual sumamente complexa: a consciência do significado da linguagem. Além do mais, muitas pesquisas e observações experimentais indicam diretamente que o domínio da relação entre o signo e o significado e o emprego funcional do signo surge na criança bem mais tarde e é absolutamente inacessível a uma criança da idade admitida por Stern (VIGOTSKI, 2001, p. 100).

Vigotski acrescenta ainda que “operações com signos (funções significativas) nunca são o simples resultado de um único descobrimento ou invenção por parte da criança, nunca se realizam de um golpe só” (2001, p. 101), como pretendia Stern.

No entanto, nem só de limites se constitui a teoria formulada por Stern sobre o desenvolvimento da linguagem da criança. Desse modo, Vigotski aponta dois fatos, a seu ver, meritórios, no *corpus* da referida teoria, a saber: a função dos signos e a objetividade que passa a ser expressa como decorrência dessa função. Esse momento, como expressou Vigotski, constitui a reviravolta do desenvolvimento da linguagem, da cultura e da inteligência da criança, que, equivocadamente, Stern explicou por uma via falsa, ou seja, pela

via intelectualista, a qual, nas palavras de Vigotski, fundamentada nas observações de Köhler “se revela inconsistente precisamente na doutrina sobre o intelecto” (2001, p. 104).

Por fim, outro problema, ainda, detectado por Vigotski na teoria de Stern se constitui na ausência de preocupação com a “linguagem interior, seu surgimento e sua relação com o pensamento” (2001, p. 105), destacando ademais que Stern “passa inteiramente à margem das complexas mudanças funcionais e estruturais do pensamento em função do desenvolvimento da linguagem” (2001, p. 105), condição que decorreria das premissas filosóficas do personalismo, que, por sua vez, sustenta todo o sistema metodológico de Stern.

Finalizando é oportuno destacar que o caminho investigativo de Vigotski acerca das relações entre o pensamento e a linguagem, retoma de modo crítico o caminho traçado por diferentes correntes da psicologia, concluindo que “só a psicologia histórica, só a teoria histórica da linguagem é capaz de nos levar a uma compreensão correta dessa questão grandiosa e sumamente complexa” (2001, p. 484) irremediavelmente fincadas no chão ontológico.

REFERÊNCIAS

LUKÁCS. G. **A ontologia do ser social**. s/d.

VIGOTSKI, L. S.. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.